

COORDENAÇÃO  
*Carlos Fortuna*

EQUIPA EDITORIAL  
*Ana Serrano*  
*Bernardo Fazendeiro*  
*Cristela Bairrada*  
*Rita Martins*

# MIL FOLHAS

BOLETIM QUADRIMESTRAL

1 2 9 0



FACULDADE DE ECONOMIA  
UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA



**ABERTURA**  
**SOBRE LIVROS**  
**E LEITURAS**  
*Carlos Fortuna .2*

**FUNDOS BIBLIOGRÁFICOS DA FEUC**  
**FUNDO ANTÓNIO**  
**DE FIGUEIREDO**  
*Joaquim Feio .3*

**DEPOIMENTO**  
**O AMOR**  
**PELOS LIVROS**  
*Carlos Fiolhais .4*

**OUTRAS BIBLIOTECAS**  
**A BIBLIOTECA**  
**NORTE \ SUL (CES)**  
*Maria José Paiva Fernandes Carvalho .6*

**LEITURAS E LIVROS**  
**INQUÉRITO**  
**A UTILIZADORES**  
*.7*

**DESTAQUE DE LEITURA**  
**HOMENAGEM A**  
**JOAQUIM ROMERO**  
**DE MAGALHÃES**  
*António Rafael Amaro .8*

**VÁRIA**  
*.3*

**SUGESTÕES DE LEITURA**  
*.8*

# SOBRE LIVROS E LEITURAS

**CARLOS FORTUNA – FEUC**

Sempre me intrigou uma das conclusões com que Walter Benjamin encerrava, em 1931, a sua *Pequena História da Fotografia*. À laia de presságio, e perante o sucesso da fotografia, Benjamin anunciava que, de futuro, incultas seriam todas as pessoas incapazes de decifrar e dar sentido a uma imagem ou fotografia, e não aquelas que não soubessem ler e interpretar o texto escrito. Sem os ecrãs de hoje que revelam todas as imagens e convertem mesmo o texto escrito em reflexo luminoso, a conclusão de Benjamin foi recebida com estranheza por muitos leitores e leitoras da época. Terão sido muitas as pessoas a sentir-se ameaçadas pela anunciada degenerescência das suas competências literárias e a indispensável reconversão a que deveriam sujeitar-se para continuar a pertencer ao rol das pessoas cultas e eruditas. *Ceteris paribus*, o desafio mantém-se, um século volvido sobre o presságio benjaminiano.

O mesmo Walter Benjamin, no ensaio intitulado *Desempacotando a minha biblioteca*, viria a refletir também sobre a relação íntima que se forja entre quem lê e coleciona livros e os seus livros. A biblioteca, admite, é parte integral da nossa biografia pessoal. Quero eu admitir que mesmo a biblioteca pública, não apenas a coleção pessoal dos nossos livros, se pode tornar parte de nós.

Recorro a estas duas “imagens de pensamento” para iniciar o breve escrito que abre este MIL FOLHAS. Não consigo não mencionar o que aqui diz Carlos Fiolhais a propósito da sua paixão pelos livros que o rodeiam. Também não consigo ignorar o enlevo com que Maria José Carvalho biografava a Biblioteca Norte/Sul do Centro de Estudos Sociais.

São, ao seu jeito especial, expressões diversas do mesmo gosto pela leitura do livro impresso e a biblioteca. São, ao seu jeito, retratos biográficos de quem escreve e como escreve aqueles dois estimulantes textos. Um autor a insistir nos livros que o envolvem, alguns, imagina-se, ainda livres do “suave tédio da ordem” – a expressão é de W. Benjamin – imposto pela sua arrumação nas estantes. Outra autora a desvendar a história que é, a um tempo, pessoal e institucional de uma extensa coleção que, de porta aberta, aguarda a nossa visita. Ambos dialogam diversamente com as “imagens de pensamento” de Benjamin.

Ao desafio da fotografia, correspondem os modernos ecrãs que ocupam hoje um lugar central entre os meios de comunicar e se

relacionar com o mundo. Não há, porém, razões sólidas para pensar que é apenas o livro e os materiais impressos que são ameaçados pela imagem e os símbolos disseminados por televisores, computadores, *smartphones*, *tablets* e *e-readers*. São todas as outras modalidades de relação e de comunicação com o mundo que estão a ser lideradas pelos ecrãs. É difícil não reconhecer o empobrecimento da razão comunicativa e o modo como se lida hoje com o mundo, alicerçado nesta literacia da imagem.

Em *Sobre a Leitura*, um pequeno livro originalmente editado em 1908 por Marcel Proust, o autor expõe o seu próprio estilo de leitura para o que recorda o recato familiar da sua juventude e o modo como a leitura invadia o seu corpo e preenchia o seu espírito, como, aliás, comprova o episódio da madalena e do chá de Combray do tão celebrado *Em Busca do Tempo Perdido*. Hoje, no bulício de todos os agitados quotidianos em que o texto-imagem se consome, o corpo e o espírito ficam expostos a impactos externos, não interiorizados. A leitura deixa de ser uma conversa entre o texto escrito e quem o lê, para se tornar um estratagema de comunicação intermediada por instrumentos e princípios de ordenação técnica.

Por isso, quero imaginar que o alerta que Benjamin enunciava em 1931, além de um desafio dirigido ao material impresso do seu tempo, constitui também um apelo mais amplo e atual, a recobrir mesmo toda esta modernidade tardia, as suas livrarias, bibliotecas e universidades. Estaremos, portanto, em vias de indispensável reconversão das competências técnicas para podermos perceber o mundo à nossa volta?

Em recente entrevista ao *Expresso*, Hervé Le Tellier, vencedor do prémio Goncourt em 2020, entende que a “experiência do pensamento” é o ato da escrita que não chega a ser concretizada se não for lida e não dialogar com quem a lê, deixando-se ficar à mercê das pessoas que Maxime Decout considera serem os “maus leitores” e as “más leitoras”. Os “maus leitores” são quem disputa o sentido original emprestado pelos autores à sua narrativa. A busca inventiva e alternativa de sentido do texto revela um espírito de transgressão interpretativa dos códigos da “boa” leitura, aquela que se conforma, incólume, com os projetos dos autores.

No passado, os poderes entregaram-se muitas vezes a suspender as leituras consideradas

*“... o alerta que Benjamin enunciava em 1931, além de um desafio dirigido ao material impresso do seu tempo, constitui também um apelo mais amplo e atual, a recobrir mesmo toda esta modernidade tardia, as suas livrarias, bibliotecas e universidades.”*

enviesadas e, em muitos casos, foram eles próprios que tresleram o sentido original do texto. Talvez um dos casos mais célebres seja a proibição do *Les souffrances du jeune Werther* de Goethe (surgido em 1774), decidida pelas autoridades de Leipzig que viram nele uma apologia do suicídio. Esse fora o desfecho trágico da personagem central do romance – o jovem Werther – que, impedido de realizar a intensa paixão pela sua desejada Charlotte, pôs termo à vida. A “má leitura” dos políticos receosos da disseminação do suicídio ficcionado, conduziu-os à pior das decisões e proibiram a leitura do livro. A má leitura que advogamos é a leitura crítica, infinita e aberta a toda a gente, não a banal leitura informativa dos ecrãs.

A referência a Goethe, ainda que do domínio literário, parece ajustada a um texto curto numa publicação como o MIL FOLHAS que, produzida numa Faculdade de Economia, insiste em cultivar a “experiência do pensamento” de que fala Hervé Le Tellier para se referir ao exercício da leitura, ou, se se preferir, ao ato de pensar. Mas de uma leitura que se deseja crítica e cultora de alternativas de sentido, quaisquer que sejam os seus suportes e as condições e capacidades dos leitores e das leitoras. “Maus” ou “bons” são todas as pessoas que pugnam ao lado do MIL FOLHAS e da Biblioteca da FEUC pela leitura e pela biblioteca. Mesmo quando a expressão material desse exercício parece menos entusiástica, não desistimos de ler como o Carlos Fiolhais lê e cuida de si ao cuidar da sua biblioteca, nem de aconselhar a leitura, insistentemente, como fazem a Maria José e a Biblioteca Norte/Sul que assim faz jus à rubrica que o MIL FOLHAS chama *outras bibliotecas*. ●



# FUNDO ANTONIO DE FIGUEIREDO

Joaquim Feio – FEUC

Uma biblioteca particular, ou mesmo parte dela, acaba por revelar tão bem como qualquer outro documento o percurso do seu proprietário, ou melhor, guardião.

António de Figueiredo confiou parte da sua biblioteca à FEUC. Este fundo revela, pois, um percurso de vida que, além de profissional, foi de feito paixão e combate político pela liberdade de Portugal e dos territórios coloniais que, em pleno século XX, continuavam submetidos à sua tutela.

Doravante, quem se interessar pela obra do autor de *Portugal and its Empire: The Truth*, de 1961, ou de *Portugal: Cinquenta anos de Ditadura*, de 1975, encontrará nesta que foi uma biblioteca de trabalho, material indispensável para o entender quer como jornalista, quer como militante antifascista e anticolonial. E, acrescente-se, também como exilado político num tempo de complexa densidade histórica.

Embora tivesse nascido (em 1929) no que era então o Portugal metropolitano, António de Figueiredo partiu jovem, aos dezassete anos, para Moçambique onde foi acolhido por familiares. Aí viverá (n)uma realidade colonial que, como sublinhou o *The Guardian*, por ocasião da sua morte no ano de 2006, o próprio perceberá como pior ainda do que a realidade vivida ao tempo em Portugal. Após uma experiência profissional na banca, António de Figueiredo tornar-se-á jornalista ainda em Moçambique e as vicissitudes políticas decorrentes do seu apoio à candidatura do General Humberto Delgado, em 1959, acabariam por determinar a sua partida da então cidade de Lourenço Marques e o seu exílio (definitivo) no Reino Unido. Aí será o representante do General Sem Medo e desenvolverá uma prolífica atividade profissional como jornalista, em particular na BBC e no *The Guardian*. Terá



*“... é um acervo de enorme importância para qualquer estudioso de temas africanos e outros relacionados com a história dos movimentos políticos de libertação, assim como temas relacionados com a história contemporânea de Portugal.”*

um papel destacado na divulgação internacional dos esforços dos movimentos de libertação que, na África lusófona, lutavam contra o domínio colonial português e colaborará também com Basil Davidson, o famoso jornalista que se destacou na denúncia do colonialismo português.

O Fundo que, graças a diligências desenvolvidas em primeiro lugar pelo Professor Boaventura de Sousa Santos, António de Figueiredo cedeu à Biblioteca da FEUC é constituído por cerca de 1200 volumes e, para além do interesse que pode ter para quem eventualmente se ocupe da obra e personalidade do jornalista e do ativista António de Figueiredo, é um acervo de enorme importância para qualquer estudioso de temas africanos e outros relacionados com a história dos movimentos políticos de libertação, assim como temas relacionados com a história contemporânea de Portugal.

A sua relevância é acentuada pelo facto de inúmeros volumes que integram o FAF dificilmente poderem constar de bibliotecas nacionais porque correspondem a títulos que, ao tempo da sua publicação, só poderiam ser obtidos fora de Portugal, já que à época os mecanismos censórios existentes os impediriam de circular e obviamente de fazer parte de qualquer biblioteca pública. ●

**BASES DE DADOS** ORBIS EUROPE Paulo Gama – FEUC

*A Orbis Europe do Bureau van Dijk – A Moody’s Analytics Company – é um recurso para dados comparáveis sobre empresas sediadas na Europa.*

*Tem informações sobre mais de 73 milhões de empresas, dos mais variados setores de atividade, incluindo banca e seguros, na sua maioria pequenas e médias.*

As funcionalidades disponíveis permitem facilmente efetuar pesquisas de acordo com os critérios especificados pelo utilizador, análises comparativas, calcular variáveis definidas pelo utilizador, exportar os dados em diversos formatos. Pode-se consultar na Orbis Europe:

- Informação financeira estandardizada (formato global, comparável)
- Séries históricas até 10 anos
- Estruturas societárias e participações
- Estrutura de gestão, incluindo contactos
- Identificadores fiscais e de setor de atividade, tipo de sociedade, e dados de contacto da empresa
- Notícias e Sumário de detalhes de fusões e aquisições e notícias sobre as empresas incluindo incumprimento financeiro
- Valores das ações das empresas cotadas





# O AMOR PELOS LIVROS

CARLOS FIOLHAIS – FCTUC



*O papel da biblioteca  
é ser repositório de beleza e de ciência,  
para salvação, ou pelo menos consolação,  
das gerações actuais e vindouras.*

**E** screvo em casa rodeado pelos meus livros. As paredes do escritório estão todas forradas de livros que se alinham em duas, por vezes três filas. Quando algum deles me chama abro-o com carinho e dou-lhe a atenção que merece, procurando o que ele tem para me dizer. Quando me demoro num deles, fico invadido pela sensação de que, mesmo liberto do serviço das aulas, nunca os conseguirei ler todos, nem sequer abri-los a todos e ler um bocadinho. E como eu gostava de conhecer a todos, até porque estão, por um motivo ou por outro, perto de mim...

Foi o escritor e artista José de Almada Negreiros que escreveu em *Invenção do Dia Claro*: “Entre numa livraria. Pus-me a contar os livros que há para ler e os anos que terei de vida. Não chegam! Não duro nem para metade da livraria! Deve haver certamente outras maneiras de uma pessoa se salvar, senão... estou perdido.”

Eu não vou durar nem para um quarto da minha “livraria”, que quero doar para que um dia, quando eu já não durar, seja pública. Sou bibliófilo, aquele que não só coleciona como ama os livros. Os meus não são, em geral, livros muito antigos, mas espero que um dia venham a ser antigos, uma vez que os livros são “máquinas do tempo”, quebram as barreiras do tempo.

O bibliófilo José Pina Martins, que reuniu uma notável colecção de livros do Renascimento, escreveu uma frase que tenho no interior da porta do meu escritório; “Para se merecer ser bibliófilo não basta formar uma biblioteca com milhares de livros encadernados antigos e modernos num espaço interior esplendidamente decorado. A bibliofilia é o resultado de um amor à beleza e à ciência. Diremos mesmo que, mais do que o resultado de um acto de amor da beleza e da ciência, se identifica com esse acto.”

A beleza e a ciência parecem dois aspectos separados da nossa relação com o mundo, mas, como bem mostra a indagação que Almada Negreiros fez dos cânones do belo usando a linguagem matemática, eles sobrepõem-se em muitos casos. Como escreveu em 1819 em *Ode a uma Urna Grega* o poeta inglês John Keats: “A beleza é a verdade, a verdade – e isto é tudo/ o que sabemos na Terra, e tudo o que precisamos de saber.” Um século depois, em 1920, o matemático francês, Henri Poincaré esclareceu no livro *Ciência e Método*: “O cientista não estuda a natureza porque tal é útil; estuda-a porque tem prazer nisso e tem prazer nisso porque ela é bela. Se a natureza não fosse bela, não valeria a pena conhecê-la nem a vida valeria a pena ser vivida.”

**N**uma parte da minha biblioteca estão livros sobre a beleza e noutras estão livros sobre a Natureza. Mas há uma estante com livros que versam a relação íntima, por vezes mesmo de identidade, entre beleza e ciência. Já muitos espíritos brilhantes, ao longo dos séculos, exploraram o paralelismo entre beleza e ciência e, quando os escuto através dos livros que nos legaram, sinto que sou herdeiro de uma mensagem antiga de que devo fazer eco para que o futuro oiça. Já a escrevi nalguns dos meus livros (os livros que eu próprio escrevi estão na estante mesmo por detrás do lugar de onde escrevo, assumindo-me como seu primeiro guardião) e espero que alguém a tenha já lido. Se ainda não aconteceu, espero que um dia alguém a venha a ler, porque os livros são muito pacientes, podem esperar muito tempo pelos seus leitores.

**G**uardo bem a minha biblioteca (os livros escritos por mim e, muitos mais, os escritos pelos outros) para que o acto de amor aos livros, que é – Pina Martins dixit – um acto de amor à beleza e à ciência, seja não só meu, mas um dia também de outros. O papel da biblioteca é ser repositório de beleza e de ciência, para salvação, ou pelo menos consolação, das gerações actuais e vindouras. Um dia deram-me a guardar a Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra, uma das mais belas do mundo (símbolo magnífico da relação entre beleza e ciência), e, se algum dia chegar às portas do céu, poderei invocar em favor da minha entrada nele que guardei livros. Se, como diz Jorge Luís Borges, o paraíso for “uma espécie de biblioteca” estou certo de que o bibliotecário S. Pedro me deixará entrar. Se hesitar, poderei explicar-lhe, que além da Biblioteca Joanina, guardei as outras colecções da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, como a Biblioteca do Colégio de São Pedro, no “Edifício Novo”, tutelada por uma estátua do santo. E guardei, embora de forma indireta, todas as Bibliotecas da Universidade de Coimbra, incluindo a excelente Biblioteca de Economia, ao criar o Serviço Integrado de Bibliotecas da Universidade de Coimbra.

**A** crescentei uma biblioteca nova à Universidade de Coimbra, o Rómulo, cujo patrono é o poeta e professor de Físico-Química Rómulo de Carvalho. Foi aí que um dia pude receber o poeta e teólogo José Tolentino Mendonça, muito antes de ele saber que iria dirigir a Biblioteca do Vaticano, outra das mais belas do mundo. E espero aí receber um dia o historiador e bibliófilo José Pacheco Pereira, o feliz possuidor da maior biblioteca privada em Portugal, que já tive o gosto de visitar. A biblioteca é o lugar-comum de todos os que procuram a beleza e a ciência.

Não sou, muito longe disso, o primeiro a fazer o elogio da biblioteca. Um dos meus autores preferidos, o astrofísico e comunicador de ciência Carl Sagan, escreveu em *Cosmos* (1980): “A biblioteca põe-nos em contacto com as concepções e o saber, a custo extraídos da natureza, das maiores mentes até agora existentes, com os melhores professores, provindos de todo o planeta e de toda a nossa história, para nos instruírem sem nos fatigarem e para nos inspirarem a dar a nossa contribuição ao saber coletivo da espécie humana. As bibliotecas públicas dependem de contribuições voluntárias. Considero que a saúde da nossa civilização, a profundidade da percepção que temos das bases de apoio da nossa cultura e o nosso cuidado relativamente ao futuro podem ser medidos pelo tipo de apoio que damos às nossas bibliotecas”. ●

# A BIBLIOTECA NORTE \ SUL (CES)

**MARIA JOSÉ PAIVA FERNANDES CARVALHO**

**COORDENADORA DA BIBLIOTECA NORTE/SUL, CES**

A Biblioteca Norte|Sul (BNS), projeto do Centro de Estudos Sociais (CES), Universidade de Coimbra, teve o seu início em 1998, como uma *quasi* extensão da Biblioteca da Faculdade de Economia.

O CES, fundado em 1978 por um grupo de investigadores/as com ligação à Faculdade de Economia, dirigido por Boaventura de Sousa Santos, até abril de 2019, e António Sousa Ribeiro, desde então, “é uma instituição científica dedicada à investigação e à formação avançada nas Ciências Sociais e nas Humanidades, através de uma abordagem interdisciplinar e transdisciplinar”. O Ministério da Ciência atribuiu-lhe o estatuto de Laboratório Associado em 2002, reconhecendo o contributo para as políticas públicas, a formação avançada e a disseminação e partilha do conhecimento”.

As parcerias estabelecidas pelo CES permitiram o desenvolvimento de uma escola doutoral, em várias áreas das Ciências Sociais e Humanidades. Estes doutoramentos exigiram o desenvolvimento de uma biblioteca que se destaca no apoio à investigação científica, de forma a dar resposta às exigências dos/as utilizadores/as (doutorandos/as; pós-docs; e investigadores/as autores/as) já não só do CES e da Universidade de Coimbra, mas também de outras universidades do país e do estrangeiro. Para tal, o corpo de funcionários/as qualificados/as em Ciências de Informação domina algumas das línguas estrangeiras mais representadas (Inglês, Espanhol, Francês).

Para que se perceba o campo de ação da BNS, cito Valter Hugo Mãe que nos diz que “*As bibliotecas deviam ser declaradas da família dos aeroportos, porque são lugares de partir e de chegar.*” Lugar de chegada, permanência e partida, entre 2005 e 2020, a BNS juntou pessoas provenientes de 70 países (52%), destacando-se a presença de 1648 estudantes e investigadores dos 4 cantos do Brasil; e outros falantes de português de Angola à Guiné-Bissau; de Moçambique a Cabo Verde; de São Tomé e Príncipe a Timor, e outros do Afeganistão ao Canadá; do Chile à Coreia do Sul; do Egito à Indonésia; do Irão ao Tadjiquistão, do Uruguai ao Vietname...

A chegada destes estudantes vindos de múltiplas partes do mundo que, nas bibliotecas, buscam não apenas fontes de informação, mas também acolhimento, leva a BNS a oferecer atendimento diferenciado sempre que possível na língua destes ou através de uma língua franca (Inglês), veículo de entendimento comum.

No sentido de apoiar esta diversidade, o acervo

(2004/2005): *fotografia e memória*”, fotografia de Luís Costa (2015); “*O Universo dos Livros Cartoneros*”, organização de Gaudêncio Gaudério (2019); “*Costurando feminismos: Mulheres de peso*” (2020), da artesã Eliana Godinho; “*Estudos feministas e Estudos Pós-coloniais: A Biblioteca Norte|Sul na BGUC*” (2020); etc.

Em 2016, investigadores/as CES, juntamente com a BNS iniciaram o Ciclo de Formação Avançada *Publicar Sem Perecer: sobreviver ao turbilhão* que consiste na oferta anual de 3 módulos de formação avançada para apoiar o desenvolvimento académico de estudantes de doutoramento. Em 2021/2022, o PSP-ST terá a sua 6ª edição. No contexto deste projeto, a BNS dinamiza o 1º módulo: 5 sessões de formação e instrução bibliográfica que abrangem pesquisa de catálogos e bases de dados, normas e estilos de citação, organização bibliográfica e plágio; gestores bibliográficos Zotero & Mendeley; relevância e impacto das revistas académicas; e os 2º e 3º módulos, dedicados à escrita científica e à produção, edição e publicação científica.

Desde 2018, a BNS integra a Comissão Organizadora do Encontro Internacional da Rede de investigação, Bibliotecas, Políticas e Leitura e do *Congresso Internacional Bibliotecas, Políticas, Leitura*, que em 2021 teve a sua 3ª edição.

Nas palavras de Ana Raquel Matos, Investigadora do Centro de Estudos Sociais e membro do Núcleo de Estudos Sobre Ciência, Economia e Sociedade (NECES), “Para quem utiliza quotidianamente ou de forma esporádica a Biblioteca Norte/Sul, este é um espaço de afetos, de cumplicidades, de conversas feitas de trocas de olhares entre os/as que por ali se sentam ou percorrem corredores”.

O mote que dá dinâmica à BNS baseia-se nas palavras de José Saramago sobre a sua própria biblioteca: “Esta biblioteca não nasceu para guardar livros, mas sim para acolher pessoas!” ●



bibliográfico, com cerca 28,000 itens (livros e outros: DVD, CD-ROM, etc.), inclui a língua portuguesa, inglesa, alemã, francesa, espanhola, italiana, etc., e 683 títulos de publicações periódicas. Dispondo de 48 lugares, a BNS oferece acesso à Biblioteca do Conhecimento online (B-On) e ao pacote de Arts & Sciences III da JSTOR, acessíveis via VPN ou em 12 PCS disponíveis no local.

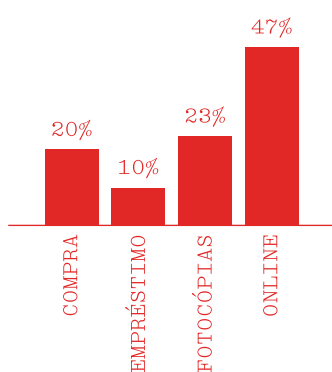
Para cumprir a função social e comunitária, a BNS tem oferecido programas diversos: *o Café com Livros* que se propôs a dar voz à biblioteca, em conversas com convidados/as que satisfaziam a nossa curiosidade sobre os livros que marcaram as suas vidas; O Ciclo *Leituras em Diversidade* (2020), integrado na Rede de Investigação Bibliotecas, Políticas Culturais e Leitura Pública, que pretende dinamizar a leitura, a investigação e disseminar conhecimento nesta área interdisciplinar; Exposições bibliográficas tais como: “*40 anos do 25 de Abril! Alegria breve ou para sempre*” (2014); “*260 Anos da Passagem do Terramoto de 1755*” (2015); “*O Tsunami em Banda Aceh*

# LEITURAS E LIVROS

## INQUÉRITO AOS UTILIZADORES

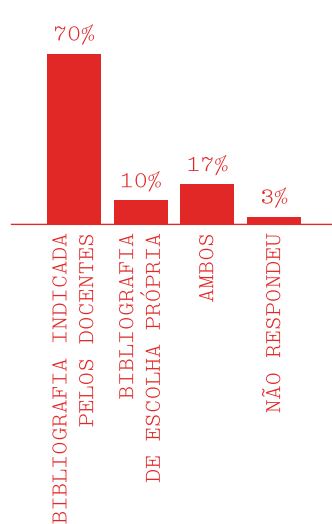
Apresentam-se de seguida os resultados obtidos através de um questionário em que participaram 30 utilizadores da Biblioteca da FEUC, ao longo da primeira semana de outubro. O objetivo era compreender os hábitos de acesso aos livros e de leitura dos utilizadores da Biblioteca da FEUC, bem como as motivações para a frequentar.

MODOS DE ACEDER AOS LIVROS



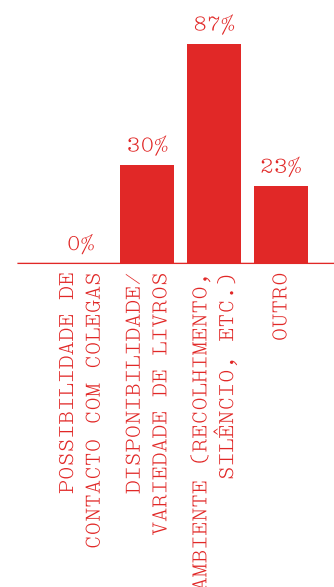
Quanto ao modo de aceder aos livros, 47% dos respondentes assinalam a sua preferência por livros online. Segue-se a preferência pelas fotocópias (23%), a aquisição (20%) e apenas 10% referem o empréstimo.

HÁBITOS DE LEITURA



Quanto aos hábitos de leitura, 70% optam pela bibliografia indicada pelos docentes, apenas 10% optam por bibliografia de escolha própria e 17% recorrem a ambas as leituras.

MOTIVOS PARA FREQUENTAR A BIBLIOTECA DA FEUC



87% dos respondentes dizem frequentar a Biblioteca devido ao seu ambiente (recolhimento, silêncio, etc.). Quando é referido “outro motivo”, ganham destaque a simpatia e disponibilidade das funcionárias e a proximidade do local de residência.

### NOTA

No que toca ao perfil dos inquiridos, 63% dos respondentes são mulheres e a média das idades é 24 anos. 60% frequentam uma licenciatura, 17% um mestrado e 13% um doutoramento. 67% são estudantes da FEUC.

Pese embora o momento da recolha dos dados corresponder a um período de utilização menos intensa da Biblioteca, por se tratar do início do ano letivo, quando a Biblioteca ainda estava a funcionar sem livre acesso às estantes devido à pandemia, os resultados sugerem uma breve reflexão sobre a atração dos/as estudantes pela Biblioteca e pelos livros.

A clara preponderância das leituras *online* e a fraca expressão das leituras que não correspondam a bibliografia recomendada por docentes levantam questões sobre a reduzida atratividade do livro físico e sobre a fraca autonomia para a leitura como forma de enriquecimento do/a estudante. Tendo em conta que estes resultados decorrem da auscultação a frequentadores da Biblioteca, é de admitir que aquelas conclusões pudessem ser mais exuberantes se a amostra fosse alargada a mais estudantes, com a recolha de dados noutras locais para além da Biblioteca.

Acresce que os motivos para a frequência da Biblioteca caminham no mesmo sentido, ou seja, parece incontornável que a principal razão para a procura da biblioteca não são os livros. Perante isto, a questão que importa colocar é: como se pode estimular a leitura e conduzir os estudantes a “viajar” por intermédio da biblioteca?



# HOMENAGEM A JOAQUIM ROMERO DE MAGALHÃES

António Rafael Amaro — FEUC



*Os livros de homenagem académicos são canonicamente muito parecidos no seu propósito de distinguir e de dar visibilidade ao homenageado e à sua obra. Na sua aparente semelhança, existem uns poucos que, devido a um conjunto bem articulado de singularidades, são especiais e/ou tornam-se especiais. Parece-nos ser este o caso dos Estudos em Homenagem de Romero de Magalhães.*

O que torna este livro especial não advém apenas da qualidade dos estudos neles inseridos, isto também acontece amiúde noutros bons livros de homenagem, a sua singularidade reside na harmonia intrínseca da obra impressa e publicada e o que para nós representa o Homenageado. Trata-se de um livro de afetos visivelmente contidos, sóbrio e sem contributos laudatórios, apostado essencialmente em acrescentar algo ao conhecimento historiográfico, sem cedências nem facilitismos de estilo ou conteúdo.

Quem conheceu e conviveu com o Prof. Romero de Magalhães sabe que esta obra seria assim, ou não seria. Desnecessário será dizer que todos os que participaram no livro, professores e investigadores de diversas universidades portuguesas e brasileiras, foram por si indicados, de acordo com os seus critérios de historiador, mas também de professor e de cidadão.

Neste sentido, o livro «Estudos em Homenagem a Joaquim Romero de Magalhães – Economia, Instituições e Império», tem a particularidade de refletir, não só as áreas temáticas mais importantes do brilhante e marcante historiador (nacional e internacionalmente) que foi Romero de Magalhães, mas também muito do que era a sua personalidade como homem. Recomenda-se, por isso, sobretudo a quem não teve a felicidade de com ele aprender e conviver, a leitura desta obra, utilizando-a como um contributo importante para a reavaliação da sua excelente obra historiográfica totalmente disponível na biblioteca da FEUC.

## ESTUDOS EM HOMENAGEM A JOAQUIM ROMERO DE MAGALHÃES. ECONOMIA, INSTITUIÇÕES E IMPÉRIO

Álvaro Garrido, Leonor Freire da Costa, Luís Miguel Duarte, Coimbra 2021.  
Ed, Almedina

Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Av. Dias da Silva, 165, 3004-512 Coimbra — [uc.pt/feuc](http://uc.pt/feuc) — Contactos +351 239 790 504 — [biblioteca@fe.uc.pt](mailto:biblioteca@fe.uc.pt) — <https://www.facebook.com/FEUCBiblioteca> — Design Editorial: Duplo Network / Fotografia de Capa Pedro Medeiros

## FUNDAMENTOS PARA UNA ECONOMÍA ECOLÓGICA Y SOCIAL

Clive L. Spash, Madrid 2020.  
Los Libros de la Catarata



A questão ecológica é um dos mais importantes desafios do nosso tempo. Como este livro demonstra, as respostas na Economia estão longe de ser consensuais e as diferenças radicam

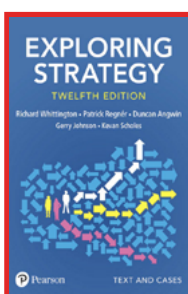
nos próprios fundamentos da disciplina. A Economia é hoje, também no domínio ambiental, um campo do conhecimento no qual diversas posições filosóficas, teóricas e políticas se confrontam.

Neste livro, Clive Spash, um destacado representante das posições mais radicais da economia ecológica, discute, de forma estruturada e abrangente, a origem e natureza das controvérsias que marcam este campo disciplinar. Este não é um livro à procura de meios-termos. Concorremos, ou não, com as posições do autor, somos interpelados a (re)pensar os fundamentos mais profundos da Economia como disciplina.

[ COP 3005 ]  
Vítor Neves — FEUC

## EXPLORING STRATEGY: TEXT AND CASES

Richard Whittington, Patrick Regnier,  
Duncan Angwin, Gerry Johnson, Kevan Scholes  
12th ed., Pearson, 2020



Este livro é o mais influente na área da estratégia, a nível académico, e é de grande utilidade para atuais e futuros gestores. Aborda de forma holística os principais temas da estratégia, incor-

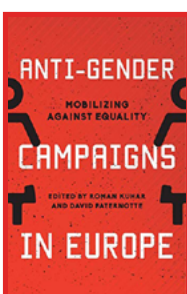
pora várias perspetivas e apresenta modelos que permitem colocar em prática o processo de gestão estratégica de uma organização.

A 12ª edição atualiza conteúdos, desenvolvendo tópicos que têm sido objeto de investigação recente (e.g., modelos de negócio), e introduz novos casos que refletem um contexto de evolução tecnológica. Os autores, académicos de renome internacional, consideram a potencial natureza não-linear da estratégia, articulando três dimensões: a posição estratégica de uma organização, a avaliação das opções estratégicas e a estratégia em ação.

[ BP 305 ANT ]  
Pedro Torres — FEUC

## ANTI-GENDER CAMPAIGNS IN EUROPE. MOBILIZING AGAINST EQUALITY

Kuhar, Roman, Paternotte, David (eds.). 2018.  
Lanham: Rowman & Littlefield



Dirigida por sociólogos, nesta obra são analisadas as raízes e as estratégias conservadoras da contestação à igualdade de género. Em cada um dos estudos sobre doze países europeus, mostra-se como o catolicismo

e o protestantismo evangélico, em aliança com o populismo, encontraram na defesa dos papéis sexuais tradicionais, uma causa comum, tornando clara a imbricação da religião, das políticas de género e da crise das democracias na sua expressão atual.

A coletânea oferece um contributo fundamental para mostrar como a Igreja Católica, na sua valência transnacional, inspira institucional, cultural e politicamente movimentos sociais promotores da ideologia populista de extrema-direita e de discursos políticos antiliberais, antifeministas e opositores dos direitos sexuais e reprodutivos. Excelente estudo comparativo, mostra-se relevante para a sociologia política, a ciência política e os estudos de género.

[ BP 658 EXP ]  
Virgínia Ferreira — FEUC

## INTERNATIONAL RELATIONS IN A RELATIONAL UNIVERSE

Kurki, Milja. 2020.  
Oxford University Press



Professora na Universidade de Aberystwyth, onde recentemente se celebrou o centenário da fundação do primeiro curso em Relações Internacionais, Milja Kurki está ciente das críticas atuais

à disciplina.

Obcecadas com o estatocentrismo até ao limite do absurdo (isto é, da ameaça existencial), as RI carecem de novas formas de “pensar criativamente” o internacional. Numa reflexão arrojada, a autora propõe combinar a cosmologia relacional das ciências naturais com as perspetivas críticas das ciências sociais, instigando-nos a desenraizar pressuposições e a abaná-las, de forma a desobstruir as nossas imaginações políticas. Quem consegue ficar imune a este repto?

[ 327 KUR ]  
Teresa Cravo — FEUC